

O Professor

Este não é um conto de ficção.

O telefone tocou eram exactamente 23:26, identificando a origem como sendo a casa dos seus pais. Não era especialmente tarde; ele próprio tinha conversado com a mãe já depois das 21:00, ao regressar da aula da noite, mas não tinha falado com o seu pai, que na altura recebia a visita do «senhor Farinha do super-mercado».

Na cozinha do pequeno apartamento em Lisboa, um computador que não era desligado havia mais de um ano, registava aquela chamada telefónica, conforme tinha feito com centenas de outras, desde o dia em que o Artur lhe tinha instalado esse serviço, entre outros relacionados com a atracção que o rapaz sentia por actividades online. Mas, desta feita, mais do que a catadupa de campos que o sistema reconhecia, o Tempo inscrevia no mundo um facto sem retorno e sem digitalização possível – aquele evento singular, «o único sem remédio», conforme tantas vezes a mãe lhe tinha dito, para o confortar em momentos de angústia – derrotando a tecnologia, o interesse de qualquer curso... e o propósito de toda uma vida, ou de todas as vidas.

Do outro lado da linha, sem chorar, mas com uma voz pesada, a mãe lançou-lhe a interrogação que fez *click*, que lhe deixou os joelhos trémulos, os lábios entreabertos e as sobrancelhas franzidas, como se estivesse muito zangado. Só estava assustado.

<mãe>Ó amor tu és forte?... A mãe não consegue... fala aqui com a tia.</mãe>

<tia>Ó Artur, olha o teu pai teve um problema no coração. Recebeu ressuscitação...</tia>

<artur>Mas está bem? O cérebro não foi afectado, pois não?</artur>

<tia>Não sei. Não sabemos. Olha, é melhor vires para cá.</tia>

Quando pousou o telefone na base, Artur praguejou de frustração contra a sucessão de azares de que o seu pai estava a ser vítima desde o início do ano: primeiro gripes frequentes, segundo uma infecção da garganta, ambas combatidas com doses equinas de antibióticos; terceiro uma certa falta de força e de ânimo ao ver o bem estar físico pleno transformar-se numa recordação cada vez menos presente; quarto, depois de uma viagem de automóvel de Abrantes a Lisboa, o despoletar de um enorme quisto na nádega direita, que cresceria em meia dúzia de dias até ao «tamanho de um melão»... que foi mais uma vez combatido com antibióticos, até que finalmente os médicos decidiram que era inevitável uma intervenção cirúrgica, a 18 de Junho de 2003.

No dia 26 de Junho, Manuel Pacheco Marques, saíria do hospital distrital de Abrantes. No dia 1 de Julho, pelas 23:00 – escreve a certidão de óbito – faleceria vítima de embolismo pulmonar. Quando Artur recebeu o telefonema, o seu pai já estava falecido, mas ninguém sabia como dizer-lhe isso.



Manuel Pacheco Marques
2003-06-19, 15:59

Quando pousou o telefone na base, Artur nunca pensou no fim. Pensou no estado de desânimo em que o seu pai estaria na manhã seguinte, ao receber visitas, acamado, baralhado em como poderia aquele novo problema ter-se juntado ao exército de maleitas que, subitamente, o tinham escolhido para moagem lenta, incessante, ao longo de meses, ao extremo de ter que regressar ao hospital, poucos dias após a sua última visita. No pior cenário, Artur pensou que talvez viesse a encontrar o seu pai demasiado fraco para protestar aqueles azares, mas nunca pensou que estaria a velá-lo.

Manuel Pacheco Marques teria sorrido na manhã do seu velório. Algumas das pessoas que visitaram o seu corpo na igreja da Misericórdia, em Abrantes, e desviaram até o véu de cetim que cobria o seu rosto, nunca o tinham conhecido em vida! O evento da morte despoleta comportamentos muito diferentes, de pessoa para pessoa. Alguns dos que lhe foram mais próximos optaram por guardar distância da família, até ao momento do desfile fúnebre ou até depois das pás de terra encerrarem a sua matéria física, antes da mesma entrar no processo que integrará a força de Pacheco nas asas de borboletas, no cálice de flores, na casca de árvores, e nas células dos seus netos.

Artur ficou especialmente tocado de recordações, quando antes de entrar no carro funerário, se cruzou com o Sr. Mota e a Sra. Cristina, do restaurante «A Cristina», tudo porque durante a sua década de adolescência, um dos momentos mais regulares que passava com o seu pai, era o das refeições, algumas das mais felizes, acontecidas nesse estabelecimento.

Manuel Pacheco Marques lia, bebia, comia, fumava e convivia intensamente, porque a sua única bússola era o estar bem. Ele estava bem, se aqueles que o rodeavam estavam bem, por isso era um motor de prazer, pelas palavras, pelos gestos e principalmente pelas acções. Ele fazia; ele vivia; ele conciliava, ele decidia, ele catalisava, ele era a presença mais forte, sempre, até, subitamente, esse primeiro dia de Julho.

O dia do funeral, 2003-07-03, foi um dia de sol, quente como as tardes de Verão mais quentes. O céu estava limpo de nuvens, mas o ambiente carregado de sentimentos densos, curiosos ou incrédulos. Dezenas de coroas

de flores cobriram a campa 122 da ala nova do cemitério de Abrantes, e colocaram um ponto final no ritual de despedida ao corpo de Pacheco.

Para Artur, o mais sensível passou a ser cruzar-se com as coisas que recordam o seu pai e lembrar-se do muito que (nunca) fizeram em conjunto: as centenas de viagens no velho Peugeot 404 ID-78-43, para Tramagal, para Ponte-de-Sôr; ou simplesmente para a escola, às vezes com cinco ou seis amigos no banco de trás, do Gaspar ao Luís Oliveira; as ocasiões em que o pai esteve presente para o socorrer, entre braços partidos, braços costurados de emergência, quedas comatosas e acidentes de automóvel; as ocasiões em que o pai o surpreendia em casa com a música em volume dantesco e a sala invadida pelos amigos dos Plátanos, nas férias grandes; e também as noites em que viam televisão juntos e ele adormecia com o pai a fazer-lhe cócegas no couro cabeludo. São recordações como estas que tornam estranhamente acolhedoras séries de televisão como Dallas, os filmes com Errol Flynn e as corridas de F1 com Alain Prost, como se fossem máquinas de viajar para um Tempo em que tudo ainda era possível.

Mas o que deixou de ser possível? Tudo permanece possível. Pacheco e Artur partilham o mesmo destino; é natural que um chegue primeiro. Mas, mais do que recordar, importa aprender com as recordações, e Manuel Pacheco Marques não poderia ter sido melhor professor.